

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

256

257



O CAMPONEZA *EO*
PRÍNCIPE ENCANTADO

Sergio

MANOEL D'ALMEIDA FILHO



A Camponesa e o Príncipe Encantado



Os Dois Amigos Leais

© Copyright 1959 — Editora Prelúdio Limitada
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 12.225



RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374

SÃO PAULO

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

A CAMPONESA E O PRÍNCIPE
ENCANTADO



Com minha pena na mão
Debruçado em minha tábula
Advogo a minha causa
Embora não seja rábula
Versando uma linda história
Pela estrada da fábula.

Houve em tôda Babilónia
Passados misteriosos
Que às vêzes assombraram
Os entes mais corajosos
Como também destruíram
Alguns seres invejosos.

Pelo menos existia
Numa populosa aldeia
U'a môça muito rica
Porém, sendo muito feia
Não tinha quem a quizesse
Nem por uma hora e meia.

Alguém até lhe chamava
A rainha da feiura
Porém, ela sendo rica
Sempre fazia uma jura
Que a riqueza lhe dava
Um pouco de formusura:

Chamava-se Messalina
Feia, magra e amarela
Tinha ciume das môças
Fôsse esta, fôsse aquela
Pois, todo rapaz bonito
Só queria para ela.

Vivia no maior luxo
O seu pai era banqueiro
Usava as mais ricas jóias
Passeava o dia inteiro
E dizia que comprava
Um marido com dinheiro.

Vamos deixar Messalina
Mergulhada na feiura
Para seguirmos no rumo
Duma linda criatura
Môça pobre, porém, tinha
Fé, bondade e formosura.

Chamava-se ela Maria
Uma linda camponesa
Que não possuía nada
Porém, a Mãe Natureza
Ofertou-lhe uma coroa
Com os dotes da beleza.

Maria que já não tinha
Mais conforto paternal
Restava-lhe só apenas
O carinho maternal
E a luta pela vida
Em um meio fraternal.

Pois com a sua mamãe
Enfrentava "o ganha pão"
Trabalhando pelas roças
Nas campinas do sertão
Em benefício da pátria
Engrandecendo a nação.

E no tal príncipe encantado
Alguém falava de sobra
Que aparecia às môças
Transformado numa cobra
Porém, ninguém na aldeia
Acreditava na "obra".

Tinha môça que jurava
Até pela a alma dela
Que havia visto a cobra
E conversado com ela
A serpente perguntando
Se queria o amor dela.

E dizendo: Eu não sou cobra
Sou um príncipe encantado
Que por mão de uma fada
Me vejo tão castigado
Até o dia que seja
Com u'a môça casado.

Porque só quando casar
Tomarei a forma humana
Receberei a coroa
Da mão da fada tirana
Para governar meu reino
Com a minha soberana

E a môça que comigo
Se arriscar nessa "emprêsa"
Irá ser feliz na vida
Com as honras de princesa
Para gosar as delicias
Dos banquetes da riqueza.

Porém, é qu'a maioria
Tinha mêdo da manobra
Havia até quem dissesse:
— A minha pobreza dobra
Porém, o diabo é quem vai
Se casar com um cobra.

Tinha outra que dizia:
Só quem estiver perdida
Com o satanaz no couro
Ou por outra decidida
E nos dentes da serpente
Perder "o diabo da vida".

Porém, acontece que
A camponesa Maria
Trabalhava pelas roças
E dizia todo dia
Que quando encontrasse a cobra
Com ela se casaria.

Por que o príncipe encantado
Sempre ouvia falar nêle
Por estar virado em cobra
Tinha muita pena dêle
Pensava em desencantá-lo
Ou lá se acabar com êle.

Até que a camponesa
Certo dia, trabalhando
Numa roça sertaneja
Ela viu se aproximando
Uma enorme serpente
Que com calma foi falando:

— Maria, venho pedir-te
Como um verdadeiro amigo
Pelo amor de Jesús
Me salva dêste perigo
Porque eu só sou feliz
Se te casares comigo.

Eu sou um príncipe encantado
Dou-te as honras de princesa
Se aceitares meu amor
Hoje com tôda certeza
Quando chegares em casa
Acharás grande riqueza.

Encontrarás muito ouro,
Prata, safira e brilhante
Com que deverás comprar
Um palacete importante
E arrumá-lo de tudo
Que achar interessante.

E depois chamar um padre
Procurando convencê-lo
Que quer se casar comigo
Pra não haver desmantê-lo
Diga-lhe que eu sou cobra
Porém, não quero mordê-lo.

Porém, jamais diga a êle
Que sou um príncipe encantado
Porque se alguém souber
Ficará tudo inguiçado
O mistério do encanto
Assim não será quebrado.

Convença o padre que quer
Se casar com uma cobra
Porém, nem a sua mãe
Há de saber da manobra
Porque só o sacramento
Concretizará a obra.

ATÉ QUE A CAMPONESA
CERTO DIA, TRABALHANDO
NUMA ROÇA SERTANEJA
ELA VIU SE APROXIMANDO
UMA ENORME SERPENTE
QUE COM CALMA FOI FALANDO:



Portanto, se conseguires
Breve serás coroada
Porém, se tiveres medo
Com a luta começada
Dobrarás o meu encanto
E serás mais encantada.

Não deves tomar conselho
De ninguém que faça graça
Porque é nesta batalha
Que o nosso amor se traça
É um pequeno fracasso
Será a nossa desgraça.

Porém, se tu com coragem
Fizeres o que te digo
Seremos muito felizes
Cortaremos o perigo
Vencendo assim para sempre
Os laços do inimigo.

Vencida a dificuldade,
No dia do casamento
Ao depois da cerimonia
Pelo santo sacramento
Quebrar-se-á o mistério
Que tem meu encantamento.

Hás de pôr secretamente
Na nossa alcova sagrada
Uma bacia de prata
Com água sacramentada
Contendo sete perfumes
E uma rosa encarnada.

No mesmo instante que fôr
O enlace terminado
Eu entrarei para o quarto
Na água serci banhado
Quebrar-se-ão os encantos
Ficarei desencantado.

Maria olhou para a cobra
E arrepiou-se de medo
Porém, tinha garantido
De aceitar o enrêdo
Sustentou que morreria
Sem descobrir o segrêdo.

Disse a cobra: Hás de provar
Que comigo não tens dólo
Para mostrar que me amas
Senta-te aqui no solo
P'ra que eu possa deitar
Minha cabeça em teu colo.

Maria disse consigo:
— Aqui vou morrer sem vela
Sentou-se, embora com medo
E a cobra chegou-se a ela
Deitou a cabeça fria
Numa perna da donzela.

A môça ficou olhando
Só atenção da serpente
Que abriu a bôca e disse:
— Maria eu estou ciente
Que dentro de poucos dias
Serei gente novamente.

Dizendo isso, saiu
Do colo de sua amada
E disse a Maria: Vá
Prepare nossa morada
Que chegarci no dia
P'ra resolver a "parada".

Maria então despediu-se
Satisfeita e radiante
Quando chegou na choupana
Viu um monte de brilhante
Barras de ouro e de prata
Em quantidade importante.

A mãe de Maria disse:
— nunca vi tanta grandeza
Ela respondeu: Mamãe
Eu agora sou princesa
E havemos de viver
Sôbre os braços da riqueza.

A mãe disse: Pelo que
Eu ouço da tua bôca
Estou vendo qu'a riqueza
Que nós temos não é pouca
Porém, com êste mistério
Termino ficando louca.

Maria disse: Mamãe
Vou fazer u'a manobra
Assine o que eu fizer
Que nossa fortuna dobra
Vou comprar um palacete
E casar com uma cobra.

A velha, disse: Estás doida?
Ou estás embriagada?
Maria disse: A senhora
Se cale e não diga nada
Deixe ver o resultado
Da sua filha adorada.

A pobre velha calou-se
Pensando em não dar desgosto
Maria foi à cidade
E comprou para seu pôsto
O mais rico palacete
E ornamentou a seu gôsto.

Depois procurou o padre
E com rigorosidade
Lhe explicou como quiz
Que queria de verdade
Se casar com uma cobra
P'ra sua felicidade.

O padre lhe disse: Môça
Você perdeu a razão?
A cobra foi quem botou
O mundo na perdição
Quando fez Eva pecar
E depois trair Adão.

Maria disse: Porém,
O senhor deixe comigo
Me case com a serpente
Não seja meu inimigo
Que fica por minha conta
Os horrores do perigo.

Dou-lhe dez barras de prata
E cinco quilos de ouro
Mil quilates de brilhantes
Que aumentam seu tesouro
P'ra fazer meu casamento
Oficiando o namôro.

DEPOIS PROCUROU O PADRE
E COM RIGOROSIDADE
LHE EXPLICOU COMO QUIZ
QUE QUERIA DE VERDADE
SE CASAR COM UMA COBRA
PRA SUA FELICIDADE.



O padre pensou e disse:
— A cerimônia é à-toa
Porém eu vou arranjar
Porque a oferta é boa
E mesmo havendo dinheiro
Todo crime Deus perdoa.

Quando correu a notícia
Que a moça ia casar
Com uma cobra horrenda
Todo povo foi olhar
Até Messalina, a feia
Também foi testemunhar.

Quando aproximou-se o dia
Na hora a cobra chegou
As testemunhas correram
O sacristão desmaiou
O padre ainda correu
Com medo, porém, voltou.

Só Maria não moveu-se
Do lugar aonde estava
Enquanto esperava a cobra
A todo povo animava
E não havendo motivo
Alguém que “correu”, voltava.

O padre voltou tremendo
Começando o himeneu
Fez logo a pergunta clássica
— Sim, a cobra respondeu
E a moça também falando
A mesma resposta deu.

Terminada a cerimônia
A serpente retirou-se
Penetrou na sua alcôva
Depois por dentro trancou-se
E na bacia de prata
Na água benta banhou-se.

Quando a cobra entrou na água
Se ouviu um reboço
Com um sussurro abafado
Como abelhas num cortiço
Foi na hora que quebrou-se
O mistério do feitiço.

No mesmo instante a serpente
Em um príncipe transformou-se
Abriu o seu guarda-roupa
Urgentemente trajou-se
Abriu a porta, sorrindo
E ao povo apresentou-se.

Foi uma alegria imensa
Entre o povo convidado
Cada um que abraçasse
O príncipe desencantado
Que foi aclamado rei
Pela fada coroado.

As môças agora vendo
Maria rica e feliz
Com coroa de rainha
Nos braços do rei Luiz
Por isso tôdas tiveram
Uma inveja infeliz.

Quando viram aquela cena
Tiveram raiva de sobra
Pois por falta de coragem
Perderam aquela manobra
Cada uma que quizesse
Casar-se com uma cobra.

E a rica Messalina
Dise: Chegou minha hora
Com tôda essa feiura
Vou por êste mundo afora
Em procura duma cobra
Para me casar agora.

Maria que era pobre
Achou um cobra rica
Quanto mais eu que possuo
Dinheiro que justifica
A minha alta linhagem
Que atrás de ninguém fica.

Vou procurar uma cobra
Pelas matas do sertão
Para se virá num príncipe
Da maior reputação
Depois casar-se comigo
E ganhar meu coração.

Uma môça ainda disse:
— Isso vai dar em barulho
Messalina você vai
Cair dentro dum embrulho
Que termina se afogando
No mar negro do orgulho.

Messalina respondeu:
— Comigo ninguém s'importe
Vou procurar ser feliz
Através da minha sorte
Ou acho a felicidade
Ou acerto com a morte.

Porque eu vou procurar
Uma cobra muito bela
E trazê-la p'ra cidade
Para me casar com ela
Ou ela se desencanta
Ou morro nos dentes dela.

Assim Messalina foi
Com a sua idéia má
Encontrou um cascavel
Em um pé de manacá
Contendo já vinte e cinco
Enrugas no maracá.

Quando ela viu a cobra
Disse: Encontrei meu amor
Vem logo querido príncipe
Para sentir meu calor
E tirar meu coração
Deste fogo abrasador.

Ela foi se aproximando
A cobra se preparou
Lambeu-se e armou o bote
A môça desconfiou
Ficou falando de longe
Porém, perto não chegou.

Falou muito e pelejou
Só pensando em amansá-la
O cascavel assanhou-se
Dando bote em tôda escala
Virando em todos os lados
Com vontade de pegá-la.

Messalina vendo a hora
Pela cobra ser mordida
Arranjou um gancho grande
Em uma vara comprida
E poz no pescoço dela
Para agarrá-la em seguida.

Assim Messalina trouxe
O cascável amarrado
Dizendo: Encontrei agora
Um lindo príncipe encantado
E dentro de poucos dias
Comigo há de ser casado.

Chegando em casa ficou
No maior contentamento
Preparou logo um palácio
Com um riquíssimo ornamento
E chamou o padre para
Fazer o seu casamento.

O vigário quando soube
Desconfiou da manobra
E disse: Porque as môças
Só casam agora com cobra?
Isso vai dar em "sugeira"
Para completar a obra.

O vigário foi, porém
Achando aquilo cruel
Lá viu quando Messalina
Desatou o cascavel
O padre pulou e disse:
— Valei-me meu São Miguel.

Messalina disse: Venha
Fazer o meu casamento
Disse o padre: Deus me ilvire
Pois veneno eu não aguento
O sacristão já estava
Agarrado com São Bento.

Nessa hora o cascavel
Que já estava assanhado
Deu um bote em Messalina
Que ficou dependurado
Ela disse: Foi um beijo
Que levei de meu amado.

Abraçou o cascavél
Também tentando mordê-lo
Porém, foi ficando cega
E assentando o cabelo
Em dois minutos estava
Já mais fria do que gelo.

O padre assistiu de longe
Aquela triste manobra
E disse: Fica o exemplo
Como um castigo de sobra
Para a môça que quizer
Ainda casar com cobra.

Assim morreu Messalina
A feia, rica, orgulhosa
E Maria foi feliz
Porque não era invejosa
Enquanto o orgulho morre
A humildade é quem gosa.

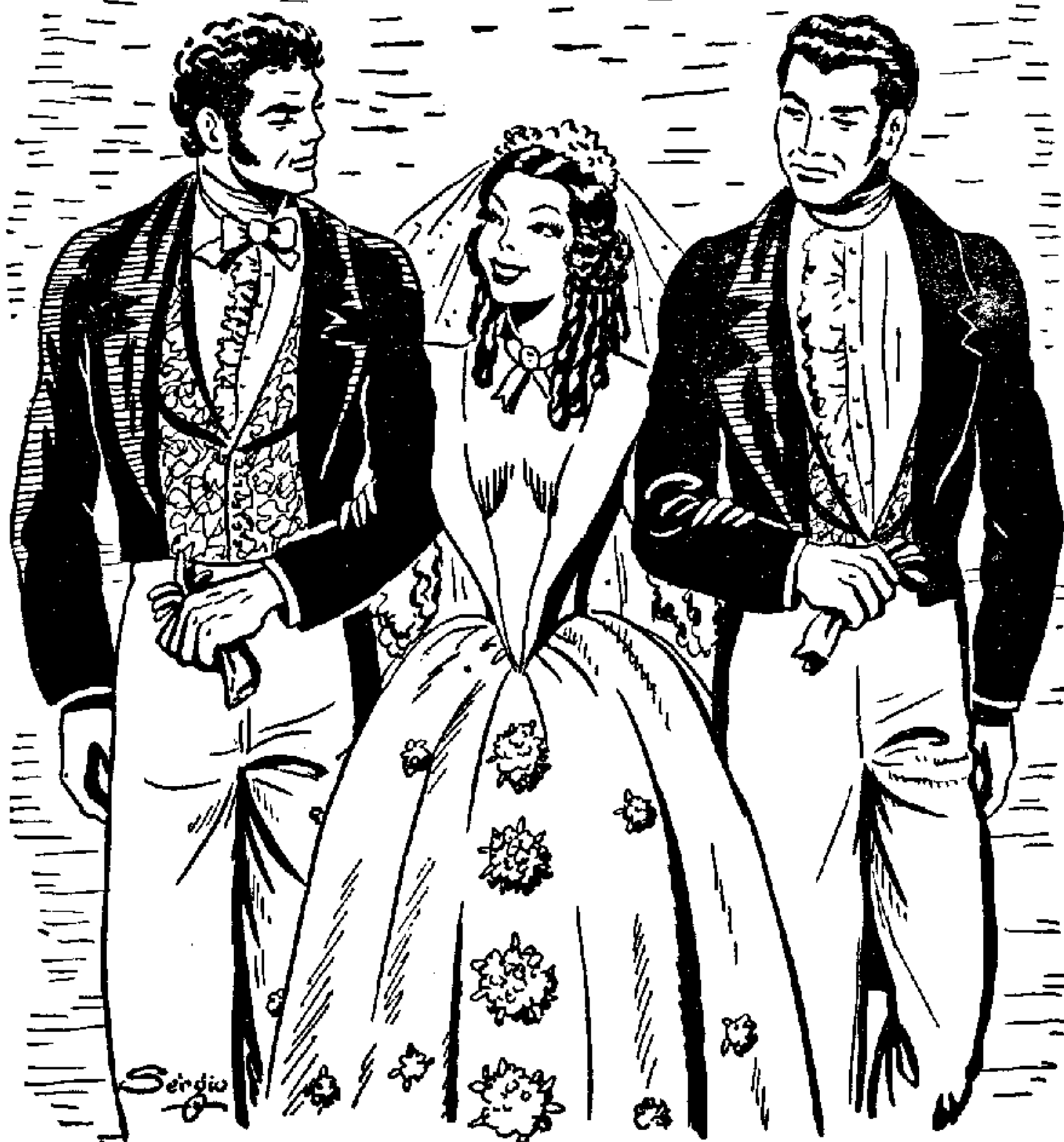
A camponesa casou-se
Lindo foi seu ideal
Messalina consumiu-se
Entre o orgulho infernal
Isto serve de espelho
Dando um eterno conselho
A quem só conhece o mal.



245-1

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

OS DOIS AMIGOS LEAIS



MANOEL D'ALMEIDA FILHO

OS DOIS AMIGOS LEAIS



Com o pensamento em Deus
Irei ver como consigo
Apresentar dois rapazes
Sob o signo do perigo
Para ver se há quem diga
Qual dos dois é mais amigo.

A história no começo
E' bem desinteressada
Depois é interessante
No meio fica enrascada
Logo mais fica confusa
E no fim é engraçada.

Um dos amigos se chama
Antônio Lira Romano
Filho natural de Patos
No sertão paraibano
Que abandonou os pais
Com um destino tirano.

Por causa de uma pisa
Que o seu papai lhe deu
Fez um pacote da roupa
De estrada abaixo desceu
Em quarenta e nove dias
No Recife apareceu.

Chegou com felicidade
Encontrou um bom abrigo
Numa casa de família
Empregou-se sem perigo
Vou deixá-lo agora aqui
E tratar do outro amigo.

O outro amigo, é chamado
José Amaro Santana
Nesceu em Caruarú
Cidade pernambucana
De onde fugiu, deixando
Uma tristeza tirana.

A causa da fuga foi
Um seu irmão que caiu
Por causa de brincadeira
E na queda se feriu
José com medo de peia
Na mesma hora fugiu.

Também foi para o Recife
Chegando, foi colocado
N'outra casa de família
Só para fazer mandado
Perto da casa que Antônio
Também estava empregado.

Uns poucos dias depois
Deram-se a conhecer
José contou sua vida
Para o amigo saber
Antônio contou também
Tudo que pôde dizer.

E ficaram sendo amigos
P'ra todo canto iam juntos
E unidos enfrentavam
Lutas e todos assuntos
Se tivesse precisão
Faziam até defuntos.

A idade dos garôtos
Dizer agora eu me lembro
José fazia dez anos
A vinte e seis de Novembro
E Antonio dez também
A dezoito de Dezembro.

Assim êsses dois meninos
Tornaram-se bons amigos
Na defêsa um do outro
Enfrentaram até perigos
Pois viram-se varias vêzes
Em lutas com inimigos.

Porém, as obrigações
De forma alguma faltavam
Arranjaram uma escola
Onde de noite estudavam
Pois um futuro melhor
Eles na vida esperavam.

Os patrões gostavam deles
Com um prazer tão ufano
Que davam sempre as despesas
De escola todo ano
Eles aprenderam inglês
Português e castelhano.

Já nesse tempo estavam
Em empregos importantes
Porque os dois patrões eram
Na praça comerciantes
Empregaram os dois rapazes
Para serem viajantes.

Nêsse emprêgo êles passaram
Cinco anos empregados
No fim dêsse tempo foram
Muito bem gratificados
Resolveram viajar
Percorrendo outros Estados.

Cada um saldou seis contos
Com as gratificações
Compraram passagem a bordo
Deram adeus aos patrões
Todos dois levaram cartas
Dando recomendações.

Eles tinham completado
Cada um vinte e dois anos
Seguiram para a Bahia
Deixando os pernambucanos
Assim foram conhecer
A capital dos baianos.

E saltaram em Salvador
No dia dez de Abril
Percorreram a capital
Gozando prazeres mil
Naquela bela cidade
Onde nasceu o Brasil.

De lá pegaram um navio
Saltaram em Rio de Janeiro
Foram logo colocados
Ganhando muito dinheiro
Numa loja de fazendas
Cada um foi ser caixeiro.

Mas, quatro anos depois
Resolveram conhecer
Algum país estrangeiro
Onde pudessem viver
Melhor do que no Brasil
Pois queriam enriquecer.

Assim, deixaram os empregos
Num ideal genuíno
Cambiaram trinta contos
Pelo dinheiro argentino
Tiraram dois passaportes
Seguiram um novo destino.

Foram para Argentina
E com êsse capital
Lá se estabeleceram
No comércio principal
Com uma casa de jóias
De valor Especial.

Estavam muito felizes
Com essa sociedade
Mas o destino jogou-os
Na maior fatalidade
Porque a desgraça anda
Atrás da felicidade.

Porque José uma tarde
Fechou a joalheria
E foi para a residência
Com o apurado do dia
Mas encontrou dois ladrões
Num esquisito que havia.

Estavam os dois mascarados
Um c'um revólver na mão
O outro com um punhal
E disseram: Meu patrão
Ou nos entrega o dinheiro
Ou morre com confissão.

ESTAVAM OS DOIS MASCARADOS
UM C'UM REVÓLVER NA MÃO
O OUTRO COM UM PUNHAL
E DISSERAM: MEU PATRÃO
OU NOS ENTREGA O DINHEIRO
OU MORRE SEM CONFISSÃO



José para defender-se
Nessa hora fez um plano
Ao ladrão do revólver
Deu a pasta e sem engano
De um só pulo pegou
O revólver pelo cano.

E no mesmo pulo deu
Uma pesada bem dada
Na barriga do ladrão
Que com a dor da pancada
Só fez soltar o revólver
E caiu sem fazer nada.

O outro com o punhal
Matar José se atreveu
O môço com o revólver
Um só tiro nêle deu
O caído levantou-se
Vendo a desgraça, correu.

Um soldado de polícia
Nessa hora ali passou
Prenheu José em flagrante
O ladrão inda falou,
Disse: Esta pasta é minha
Êste ladrão me matou.

Tinha chegado mais gente
O ladrão tornou falar
Fui atacado por êle
Matou-me para roubar...
Nisso fechou os dois olhos
E morreu sem terminar.

José foi para o presidio
Como ladrão assassino
Antônio soube e foi logo
Ao govêrno argentino
Nada arranjou e José
Foi cumprir o seu destino.

Pois ninguém acreditava
Palavras de um estrangeiro
As testemunhas ouviram
O que disse o bandoleiro
Quando acusou José
No instante derradeiro.

Nêsse tempo a Argentina
Tinha um regime forte
Que quem matasse morria
Ninguém lhe mudava a sorte
Era numa grande fôrça
A condenação de morte.

Quando José foi a juri
Tinha um advogado
Porém, nada conseguiu
Porque foi sentenciado
A morrer em cinco meses
Numa corda pendurado.

José foi, disse a Antônio:
O que sinto no meu peito
E' morrer sem ver meus pais
Ah! se eu tivesse um jeito
Pois morrendo abençoado
Morria mais satisfeito.

Antônio disse — Tem jeito
Se o govêrno aceitar
Eu fico prêso e você
Vai os seus pais visitar
E se não voltar no praso
Eu cá morro em seu lugar.

José respondeu: — Porém
E' difàcil o nosso caso
E mesmo pode o navio
Na viagem ter atraso
E pode não ser possível
Eu chegar aqui no praso.

Disse Antônio: — não importa
Eu irei ver se consigo
Pois até aqui vivemos
Sem temer um só perigo
E precisamos mostrar
Quanto vale ser amigo.

E no outro dia foi
Ao presidente contou
O plano do seu amigo
Êle com gôsto aceitou
Antônio foi p'ra cadeia
José, urgente embarcou.

Quando saltou em Recife
Já tinha telegrafado
Para os antigos patrões
Por quem foi logo abraçado
Deu notícias de Antônio
Mas, não contando o passado.

No outro dia seguiu
Para visitar os pais
Chegando em Caruarú
Foi visitado demais
Graças a Jesús, achou
A família tôda em paz.

Para todos da família
Como que por despedida
Ele trouxe um bom presente
Em dez dias fez partida
Deu adeus p'ra nunca mais
Pois ia perder a vida.

Porém, não disse a ninguém
A sua história passada
Parliu deixando a família
P'ra tôda vida enganada
Embarcou para cumprir
A sua palavra honrada.

Aqui preciso explicar
Aos leitores corteses
Que os navios a vela
Nesse tempo muitas vêzes
Gastavam da Argentina
Ao Brasil mais de dois meses.

Assim, José embarcado
O navio se atrasando
Com um vento muito fraco
Deixo êle viajando
Para falar em Antônio
Com o praso terminando.

Até que findou-se o praso
E José não foi chegado
Antônio foi para praça
Para ser executado
Em lugar do seu amigo
Conforme foi combinado.

Leram a sentença de morte
Depois a combinação
E perguntaram a Antônio
Se estava certo ou não
Ele disse: — Estou de acôrdo
Morro com satisfação.

O carrasco fez o laço
O seu pescoço laçou
Quando foi puchando a corda
Ouviu um grito e parou
Era José que gritava
O criminoso chegou!

Podem soltar meu amigo
Tiram logo a corda dêle
Que ia morrer por mim
Agora morro por êle
Pois o crime está em mim
E a inocencia está nêle.

Nessa hora o Presidente
Vendo tanta fieldade
Disse entre vocês dois
Há tanta sinceridade
Que já estão perdoados
Em nome da Divindade.

Pois, nunca se viu na terra
Dois amigos tão leais
Vocês precisam viver
Para prazer dos seus pais
Exemplo dos criminosos
E orgulho dos mortais.

Nisso o ladrão da pesada
Disse muito desfarsado:
— Em todos pontos de vista
Este môço está honrado
Lutou para não morrer
Matou p'ra não ser roubado.

Assim êles perdoados
Não quiseram mais ficar
Venderam tudo que tinham
Trataram de embarcar
Para o Brasil e chegaram
Sem ninguém os esperar.

Quando saltaram em Recife
Trataram de se apartar
Antônio p'ra Paraíba
Com seus pais ia ficar
José p'ra Caruarú
Também com seus pais ia morar.

Porém, fizeram uma aposta
Que nunca se viu daquela
O que casasse primeiro
Dava a espôsa donzela
Para na primeira noite
O outro dormir com ela.

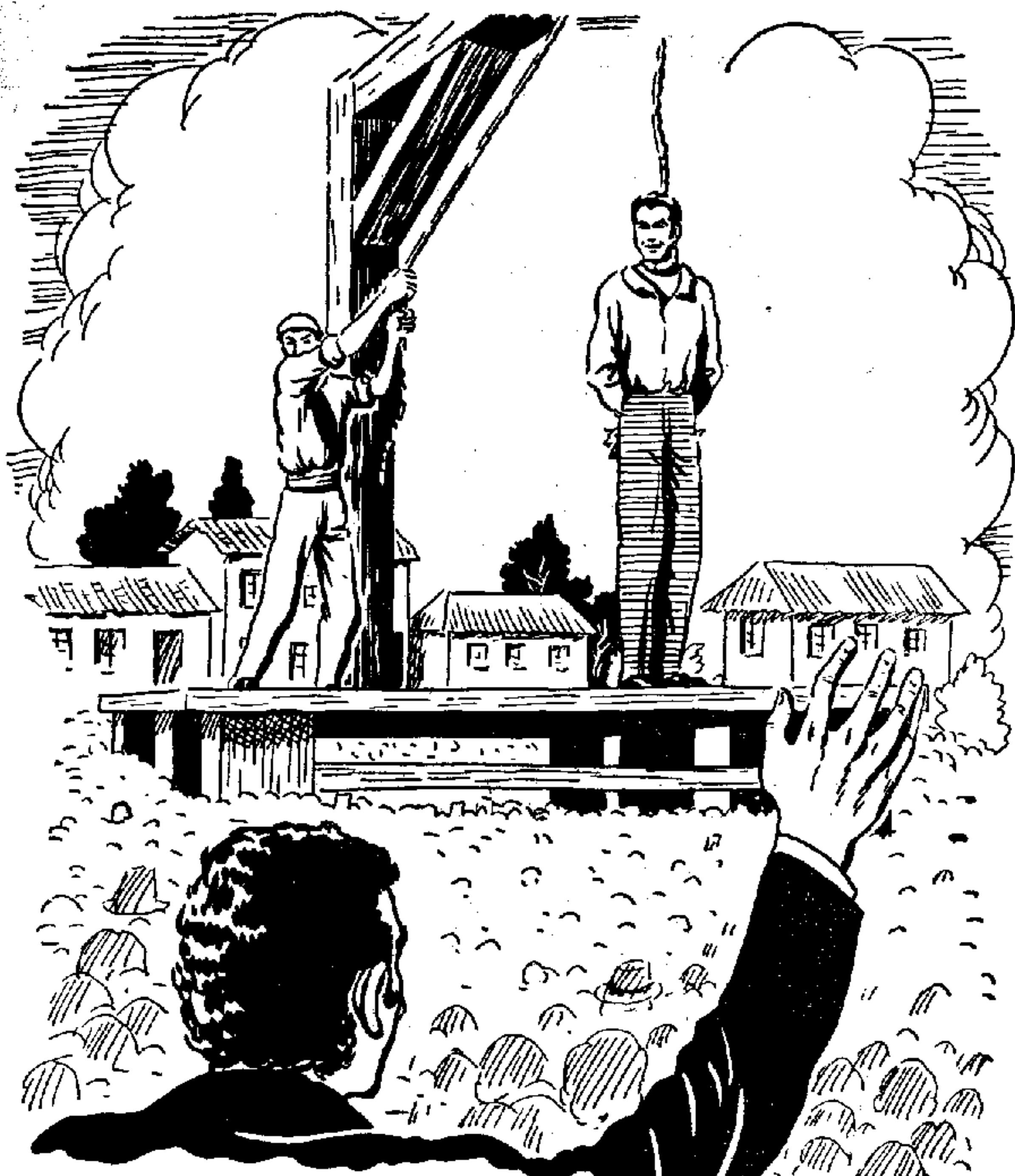
No mesmo dia partiu
Cada um p'ra seu lugar
José em Caruarú
Tratou de negociar
E tôda família pôde
Dessa forma melhorar.

Antônio também em Patos
Empregou o seu dinheiro
Em uma grande fazenda
Ficou sendo fazendeiro
E às vêzes negociava
Na vida de boiadeiro.

Em poucos meses, José
Um casamento ajustou
Mas, não enganou a noiva
E tudo a ela explicou
Mandou dizer a Antônio
O nosso trato chegou.

Venha p'ra meu casamento
Porque já está marcado
Para 20 de Setembro
Já está tudo arrumado
Antônio veio e ficou
Em um hotel hospedado.

No dia do casamento
Entre vivas e festejo
Seguiram para a Igreja
Todos em um só desejo
Chegando à porta do templo
Antonio entrou no cortejo.



O CARRASCO FEZ O LAÇO
O SEU PESCOÇO LAÇOU
QUANDO FOI PUCHANDO A CORDA
OUVIU UM GRITO E PAROU
ERA JOSÉ QUE GRITAVA
O CRIMINOSO CHEGOU!

Sergio

Por todos foi abraçado
Na maior satisfação
E José chamou a noiva
Fez a apresentação
E Antônio com respeito
Da môça apertou a mão.

Depois entraram no templo
Para que não demorasse
José e Rosa Maria
Perante a Deus face a face
O sacerdote os uniu
E celebrou o enlace.

Assim os noivos saíram
Do templo de braços dados
P'ra casa dos pais da noiva
Muito bem acompanhados
Por Antônio e por dezenas
De amigos convidados.

Lá houve uma grande festa
Com um banquete importante
De bebidas e comidas
E mais um saráu dançante
Onde todos desfrutaram
O prazer mais deslumbrantes.

Mais ou menos meia noite
Quando o festim se acabou
Para acompanhar os noivos
Todo povo se juntou
Até à nova morada
Antônio os acompanhou.

Na residência dos noivos
Todos com sinceridade
Desejaram aos esposos
Saude e prosperidade
Despediram-se, deixando-os
Num mar de felicidade.

Assim, todos foram embora
Porém, Antônio ficou
O segredo da aposta
Ninguém nunca adivinhou
Pois José só disse à noiva
Ela o segredo guardou.

Assim que todos saíram
José pegou a sorrir
E disse para a espôsa:
Vá logo se prevenir
Pode preparar a cama
Que Antônio quer dormir.

Rosa Maria, foi logo
E a cama preparou
Disse: — Está pronta. E José
Chamou Antônio e mandou:
— Vá dormir e passe bem
Que o seu dia chegou.

Antônio deu boa noite
Para liquidar o caso
Entrou no quarto e trancou-se
Dizendo: — Eu hoje me arrazo
De todo meu sofrimento
Agora eu tiro o atrazo.

José armou uma rêde
Numa sala e com afam
Deitou-se, depois cobriu-se
Com um cobertor de lã
Dormiu igualmente um santo
Até às seis da manhã.

Vamos agora ao quarto
Para ver o que passou-se
Antônio trancando a porta
Nem da cama aproximou-se
Colocou uma cadeira
Junto à parede e sentou-se.

As seis horas da manhã
Antônio se poz de pé
Acordou Rosa Maria
Para cuidar no café
Abriu a porta e foi logo
Na rêde acordar José.

José levantou-se alegre
O café estava na mesa
Sentaram-se conscientes
Serviram-se na certeza
De que reinava nos três
A mais sincera firmeza.

Depois do café, Antônio
Despediu-se e retirou-se
Mas, não saiu da cidade
Porque logo apaixonou-se
Por uma irmã de José
Com poucos dias casou-se.

José achou a espôsa
Virgem, pura e sem perigo
Assim Antônio provou
Que não era um inimigo
Ganha um livro quem provar
Dos dois quem foi mais amigo

Antonio casou também
Lindo foi o seu festim
Muito dançou e bebeu
Entre prazeres sem fim
Isto é que o homem faz
Deus dê fôrça, amor e paz
A quem fôr amigo assim.



5031

ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

FESTA DA BICHARADA — História em versos sôbre animais. Humorismo e emoção.

LAMPEÃO, O REI DO CANGAÇO — História do mais famoso bandido de todos os tempos. O famoso Lampeão, seus amores e sua vida. Em versos.

VICENTE O REI DOS LADRÕES — Um astucioso ladrão que acaba casando com a filha do rei. História em versos populares.

O JOGADOR NA IGREJA — Como um jogador inveterado prova que pode jogar baralho na igreja, sem cometer sacrilégio.

A SOGRA MALDITA — Um dramático relato em versos, cheio de lances de emoção. Amor, intriga, ódio e paixão. A história de uma sogra cruel que conseguiu destruir-se nas chamas de seu próprio ódio.

O PAVÃO VITORIOSO — História do riquíssimo filho do rei do café, que percorre o mundo e conhece a linda Marina, filha do rei do trigo. Inventa um aparelho em forma de pavão, capaz de voar, com o qual rouba sua amada no dia do casamento com seu rival. Em versos.

HISTÓRIA DO CONDE PIERRE E A PRINCESA MAGALONA — Uma suave história de amor, na qual dois apaixonados vêm-se envolvidos pelas malhas da fatalidade. Em versos.

SACRIFÍCIO DO AMOR, ou O NOIVO RESSUSCITADO — História comovente de um amor. Ele fez uma promessa que não pôde ser cumprida. Mas ela esperou pacientemente. E um dia teve a recompensa de seus longos dias de sofrimento e espera. Em versos.

O PRÍNCIPE ENTERRADO VIVO E A RAINHA JUSTICEIRA — A história de um jovem, que num país estranho, vive a mais assombrosa aventura. Nesse país, quando o marido ou a esposa morria, o que ficasse vivo seria sepultado junto, e alimentado por três dias. O príncipe Orlando, perdeu a esposa, foi sepultado vivo junto com ela e conseguiu sobreviver. Como Leia os lances desta história para saber. Em versos.

JOSAFÁ E MARIETA — A história de um jovem, que preso como escravo, apaixona-se pela filha de um poderoso fazendeiro. Esta tudo faz para salvar o homem que ama. Num ambiente tenso de emoção, desenrola-se esta comovente história de amor. Em versos.

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações, dirija seu pedido para a **EDITORA PRELÚDIO LTDA.**
Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo